

Neoconservadorismo, autoritarismo e mulheres: Um holofote sobre a Deputada Federal Joice Hasselmann (PSL)¹

Camila Carolina Hildebrand Galetti (UnB)
Jéssica Mayara de Melo Carvalho (USP)

A ascensão de governos ultraconservadores é uma realidade a nível global e, esse panorama, se evidenciou nos Estados Unidos com a eleição de Trump em 2016, através de um discurso hiper-reacionário e autoritário mobilizado pelo presidente e reverberado pela população. Na Europa, vários países também vivenciam a tomada de poder pela extrema-direita que se apresentam com bandeiras xenófobas, de recusa às identidades de gênero e temerosas a um avanço dos movimentos sociais progressistas. Nesse artigo iniciamos no contexto político e social brasileiro do processo de impeachment sofrido pela presidenta Dilma Rousseff (PT), desdobrando em um período de menor participação política feminina a nível institucional com o governo de Michel Temer (MDB), e depois, com as eleições de 2018, com a ascensão de mulheres nos partidos de direita e centro-direita. Assim, seguindo o rastro dos discursos neoconservadores, analisaremos como se deu o fenômeno de cooptação de mulheres ao campo político sob essa narrativa. Para isso, vislumbramos a conjuntura do campo político brasileiro a partir da trajetória política da Deputada Federal Joice Hasselmann (PSL).

Palavras-chave: Neoconservadorismo; Campo político; Mulheres; Direita; Joice Hasselmann.

Introdução

As democracias vivenciam um período turbulento a partir da consolidação de novos atores e atrizes que têm orientado suas performances políticas em combate da política sexual e anti gênero. De acordo com Biroli et.al. (2020, p. 22), o conceito do que seria uma suposta “ideologia de gênero” teria sido uma espécie, nas palavras das autoras, de uma “cola simbólica” que agregou as/os mais distintas/os personagens do espectro ideológico de direita e que sempre estiveram presentes nas dinâmicas políticas. No entanto, nos últimos anos esses agentes apareceram de forma mais organizada ao ocupar cadeiras no Congresso, mobilizando as redes sociais, plataformas na internet e até mesmo as ruas de forma estratégica para colocar suas pautas em destaque no debate público. Vislumbrando assim, a obtenção de apoio popular - bem sucedido - desde um discurso de defesa e preservação da família.

Essa investida na restauração de uma ordem moral têm sido a tônica dos novos políticos no Brasil e à nível global, tendência que como podemos observar na realidade

¹ 44º Encontro Anual da ANPOCS, GT- 44 Teorias do autoritarismo.

norte-americana², na Polônia, Hungria, Alemanha, dentre outros países que têm vivenciado o giro à direita com maior intensidade. Em termos reflexivos, diversas/os autoras/es (BIROLI, 2020; BROWN, 2019; FRASER, 2020) têm se dedicado à essa temática, produzindo saberes e partindo, sobretudo, de discussões relacionadas ao neoconservadorismo, neoliberalismo e neofascismo. Essa tríade analítica proporciona ao campo das ciências humanas uma variedade de abordagens investigativas na tentativa de compreender como os avanços e retrocessos vivenciados no campo do poder, o que há de realmente novo (e se há) na atual conjuntura sociopolítica e como se entrelaçam os três *neos* na atuação dos agentes políticos.

Cabe ressaltar as dificuldades de analisar os fenômenos que estão em curso pois apesar da cadeia de causalidades preparar o cenário que vivenciamos, é necessário destacar que isso por si só não nos fornece aportes teóricos para explicar em sua totalidade, a ascensão do neoconservadorismo com características autoritárias. Por isso, a reflexão nos parece tão cara e com tantos desafios teórico-epistemológicos, o que demanda esforços para realizar uma contribuição ainda que ínfima ao debate.

Nesse contexto, soma-se a discussão de tendências autoritárias que estão em ascensão por vias democráticas e que possui um caráter de novidade aparentemente: a aposta na visibilidade de mulheres na propagação desses ideais como temos vislumbrado na realidade brasileira, a partir do aumento de parlamentares mulheres nas eleições de 2018, atreladas à partidos de extrema-direita.

Consideramos esse fator um fenômeno por diversos motivos tendo em vista que nas últimas décadas a agenda feminista se evidenciou amplamente via política institucional - Lei Maria da Penha (Lei 11.340/06), Lei do Feminicídio (13.104/15), as mobilizações intituladas de Primavera Feminista que impediram o projeto de Lei 5069/2013, impulsionado pelo ex-presidente da Câmara Eduardo Cunha, dentre outras que tinha como finalidade dismantelar políticas voltadas às mulheres. Com contra-resposta à tais avanços, a direita se (re)organizou, apostando nas mulheres para disseminarem seus ideários.

Nesse primeiro momento gostaríamos de ressaltar a hipótese de que a expansão neoconservadora com características autoritárias, tem como fio condutor mulheres na linha de

² Na últimas eleições americanas, realizadas neste mês de novembro de 2020, o democrata Joe Biden e a sua vice, Kamala Harris, lograram vencer o republicano Donald Trump. Apesar desse momento histórico de eleição do presidente mais velho e da primeira vice-presidenta, mulher e negra, o trumpismo demonstrou-se muito forte. O que reflete no avanço e imbricação do discurso conservador e anti científico no interior do país norte-americano. Ver: Mesmo com a vitória de Biden, essa eleição não vai enterrar o trumpismo. In: **Revista Jacobin**. Disponível em: <<https://jacobin.com.br/2020/11/mesmo-com-a-vitoria-de-biden-essa-eleicao-nao-vai-enterrar-o-trumpismo/>>.

frente, principalmente pela ocorrência da ascensão nas últimas décadas de movimentos feministas e suas agendas políticas.

Como técnica de investigação foram levantadas bibliografias sobre a temática para respaldar a análise sobre a ultradireita e seus impactos no campo político através as lentes teórico-metodológicas das ciências sociais. Para isso, delimitamos um recorte temporal que versa com o cenário pós-impeachment de Rousseff (PT), demonstrando como passa a ser construída a campanha de Hasselman (PSL), agente política privilegiada no artigo.

Para tanto, dividiremos em três momentos, sendo o primeiro, com finalidade de demarcar o processo de impeachment da ex-presidenta Dilma Rousseff tendo a misoginia como uma das condicionantes. A partir disso, atores e atrizes que não tinham tanto protagonismo na arena política, consolidaram-se amparados principalmente no discurso familista e na defesa de uma moralidade que se associa com a religião e ao combate exaustivo aos movimentos sociais.

No segundo ponto, focaremos de forma breve nossa análise no quanto o fenômeno do Bolsonarismo se entrelaça com o autoritarismo, esse que esteve presente na política brasileira em diversos momentos históricos. Analisaremos a trajetória política da deputada Joice Hasselmann (PSL/SP) no sentido de compreender como ocorreu o acesso da jornalista no campo político, ainda que sem uma carreira pregressa na política, destacando-se com uma elevada votação em sua primeira disputa a um cargo eletivo. Seu discurso midiático enaltecido e reverberado nas redes sociais, anti-esquerda, anti-corrupção e muitas vezes anti-feminismo “mimimi”, advinda de uma oratória exime - em decorrência de sua trajetória profissional - evidenciaram essa *outsider* política e a elevaram, após atrelar-se ao ativismo bolsonarista como uma personagem fundamental para compreender o governo neoconservador e seus simbolismos na política brasileira. Para tanto, colocamos agora um holofote sobre essa intrigante representante política.

1. Do impeachment de Dilma Rousseff à consolidação de atrizes neoconservadoras

No Brasil o ano de 2015 foi marcado pelo processo de impeachment da primeira presidenta mulher, Dilma Rousseff (PT), durante seu segundo mandato. O Partido dos Trabalhadores que estava à frente da presidência no Brasil por treze anos, desde o período eleitoral sofreu investidas contra a candidatura de Rousseff. Assim, com os arranjos da nova composição da Câmara dos Deputados e do Senado, com grande maioria de oposição e discursos conservadores, após reeleita, manteve-se apenas pelo período de um ano e oito meses na cadeira.

Não nos determos em traçar como foi deferido o processo de impeachment em suas minúcias, mas sim, pontuar o quanto esse acontecimento demarca dois pontos fundamentais para a compreensão do atual contexto. O primeiro diz respeito ao sexismo explícito no processo de impeachment, uma vez que houve violência política de gênero em relação à Rousseff. Segundo, o recrudescimento conservador visualizado com a adoção e ampliação desse discurso nos candidatos/as e eleitorado brasileiro.

Em relação a misoginia e sexismo dos discursos que marcaram o processo do golpe, houve uma polarização profunda na política brasileira em que de um lado, havia as/os apoiadoras/es do governo petista, de outro, oposição contrária às dinâmicas governistas. Dado esse cenário de intensas disputas das eleições de 2014, movimentos contrários como “Vem pra rua” (VPR), o “Movimento Brasil Livre” (MBL) e “Revoltados on-line” enfatizavam em suas narrativas que haveria corrupção nas empresas públicas como a Petrobrás. O que fez com que em 2015 se intensificasse as manifestações contra às medidas de Rousseff, e que surfavam no descontentamento dos resultados das eleições presidenciais, trazendo para as ruas, novas camadas sociais, com novos repertórios de demandas nas ações coletivas, baseados principalmente em critérios e valores morais, apelando à ética e contra a corrupção (GOHN, 2016, p. 142).

Os jovens ativistas do MBL lideraram um movimento de massa para canalizar o descontentamento popular com um escândalo de corrupção para desestabilizar Dilma Rousseff, principalmente via redes sociais. Os organizadores das manifestações anti-Dilma produziram uma torrente diária de vídeos no YouTube para ridicularizar o governo do PT e criaram um placar interativo para incentivar os cidadãos a pressionarem seus Deputados por votos de apoio ao impeachment (FANG, 2017).

O âmbito virtual e as redes sociais nesse contexto tornaram-se ferramenta crucial para a disseminação de discursos misóginos e de violência de gênero em relação à presidenta, deslegitimando, desrespeitando e golpeando qualquer possibilidade de atuação política da Chefe de Estado. Assim, sua posição enquanto líder foi desestruturada pois as críticas a associavam com adjetivos de “confusa”, “irritadiça”, “mandona” e “autoritária”. Eventualmente, por parecer estar “fora de si” (POSSENTI, 2018), irracional e histérica, ignorante (sem capacidades cognitivas e técnicas), ocupando o não-lugar na condição de presidenta. Para concluir, pode-se entender que a temporalidade desse processo foi lenta, sendo fruto de um trabalho conduzido principalmente pela mídia hegemônica, institutos privados destinados à disputa ideológica e por movimentos pretensamente “espontâneos”.

Já o segundo momento que compreendemos como divisor de águas na política brasileira recente, se deu com a consolidação dos pilares de uma suposta moralidade no campo do poder via discursos emitidos por agentes de direita e extrema-direita. A justificativa do voto favorável ao processo de impeachment de dezenas de parlamentares (“pela família e por Deus”, “pelos meus filhos”, etc) trouxe narrativas de uma ética familiar pertencente à esfera privada, para a arena política.

Em termos simbólicos, a representação de Dilma para os movimentos de oposição, seria equivalente a encarnação de imoralidade por compor diversos fatores como o pertencimento partidário ao PT, por ter militado contra a ditadura brasileira e/ou por ser uma mulher que não é coerente com o ideário de feminilidade imposto pelo patriarcado. Uma mulher separada, que em sua posse como presidenta foi extremamente criticada pela roupa que usava, questionada em relação a sua sexualidade, criticada também por seu peso e estética em geral, demonstra as diversas violências sofridas pelo fato de ser mulher, e ocupar um cargo presidencial em uma sociedade sexista.

Nesse contexto, o atual presidente, Jair Bolsonaro que a época era Deputado Federal ganhou visibilidade por durante sua fala no processo de impeachment, em 2016, ao referenciar o Coronel Carlos Alberto Brilhante Ustra que foi o primeiro torturador condenado no Brasil.

Nesse dia de glória para o povo brasileiro tem um nome que entrará para a história nessa data, pela forma como conduziu os trabalhos nessa casa. Parabéns, presidente Eduardo Cunha. Perderam em 1964. Perderam agora em 2016. Pela família e pela inocência das crianças em sala de aula que o PT nunca teve, contra o comunismo, pela nossa liberdade, contra o Foro de São Paulo, pela memória do coronel Carlos Alberto Brilhante Ustra, o pavor de Dilma Rousseff, pelo Exército de Caxias, pelas nossas Forças Armadas, por um Brasil acima de tudo e por Deus acima de todos, o meu voto é sim³.

Foi assim que Bolsonaro - à época filiado ao PSC-RJ, justificou o voto à favor do impeachment da presidenta Dilma no plenário da Câmara dos Deputados. Em sua fala, mobilizou a defesa da família, o anticomunismo, reverenciou a memória de Ustra e finalizou citando a frase “Deus acima de todos”, que tornou marca de sua narrativa no decorrer dos últimos anos.

Tanto a família quanto a religião são os principais fio condutores das atrizes e atores políticos dessa extrema-direita. O núcleo familiar torna-se assim, uma arma potente na tentativa de destruir quaisquer valores que supostamente rivalizem com os seus. De acordo

³ Ver: **BBC**. Disponível em:
<https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2016/04/160419_torturado_ustra_bolsonaro_lgb>.

com essa lógica, a família funciona como rede de proteção, reservatório de disciplina e estrutura de autoridade (BROWN, 2019, p. 114). Ela é vista como um possível entrave aos excessos da democracia e das minorias. Assim, fica claro que um dos focos desse neoconservadorismo é a destruição de qualquer coisa que faça alusão à justiça social.

Conforme aponta Biroli; Machado; Vaggione (2020), entendemos que a noção de conservadorismo é posicional, e a ideologia e os movimentos políticos conservadores se desenvolvem em resposta ou resistência a situações históricas de mudanças na estrutura social e política' (Ibid., p. 24).

Com o avanço dos movimentos identitários e principalmente da visibilidade da agenda feminista, há uma constante tentativa de demonização desses, bem como disputas de narrativas na esfera pública, tendo como finalidade conter avanços e igualdade de gênero. Cabe ressaltar que o neoliberalismo e o neoconservadorismo são beneficiados pelo patriarcado no sentido de que todo trabalho reprodutivo, afetivo é constantemente relacionado ao sexo feminino e considerado essencialmente atribuído deste.

Isso se dá principalmente pelo fato de que os movimentos feministas politizam constantemente o que o poder naturaliza, problematizando não apenas o gênero, as funções e papéis femininos, mas também o último bastião do heterossexual no biológico: o sexo (LAZZARATO, 2019, p. 88).

Ao questionar as assimetrias de gênero, os privilégios masculinos na ordem patriarcal, a agenda feminista propõem uma nova formatação na sociedade, o que demanda do Estado o movimento de desnaturalização das diferenças sexuais, raciais e de classe também pois essa tríade perpassa as problemáticas femininas na sociedade.

O Estado desde sua consolidação controlou a conduta feminina, vigiou e quando necessário puniu. Tal contexto só demonstra que as lutas travadas por mulheres perpassa inúmeros aspectos tornando o corpo feminino território de disputa frequente. É como se o corpo gerasse medo constante e, por isso, deveria ser encerrado no privado, no lar.

Ao interpretar esse contexto, Federici em *O Calibã e a Bruxa* (2019), afirma que a violência foi a principal alavanca contra o gênero, indispensável para o poder econômico no processo de acumulação primitiva, afetando brutal e diretamente as mulheres e sua autonomia.

Com isso, podemos afirmar que o que vivenciamos a partir do neoconservadorismo e do neoliberalismo é a manutenção das violências que se fundaram desde os primórdios da consolidação do capitalismo, tornando-se assim uma violência que conserva as assimetrias de

gênero. Assim, se potencializa a individualização, o empobrecimento e a precarização das relações humanas que se assentam principalmente nas questões de gênero.

Nesse escopo analítico percebemos que não à toa que o neoconservadorismo é dentre outras coisas, a construção social da indiferença, consolidando assim formas particulares de alienação e potencialização de afetos com o desamparado e o ressentimento.

Com isso, nossa hipótese é de que partidos de extrema-direita como o Partido Social Liberal têm sido uma incubadora de mulheres conservadoras, essas que encarnam em suas falas e ações ideários antifeministas e autoritários, fazendo assim a manutenção da dicotomia público versus privado no que tange os lugares que homens e mulheres devem ocupar. Exemplos dessas são as deputadas Janaína Paschoal (PSL/SP), Carla Zambelli (PSL/DF) e Joice Hasselmann (PSL/SP), essa última que está na centralidade de análise neste texto.

2. Bolsonarismo e autoritarismo: como se entrelaçam?

Nos últimos anos o Brasil tem vivenciado uma guinada à direita que tem impactado de diversas formas tanto na configuração dos Ministérios -- coordenados majoritariamente por homens⁴, militares⁵ -- quanto na tentativa de desmantelamento de movimentos sociais que pautam questões relacionadas aos direitos humanos, agendas feministas e etc.

Tal processo se fortaleceu a partir da figura do atual presidente Jair Bolsonaro (ex-PSL, atualmente sem partido), eleito em 2018, com uma trajetória política anterior como deputado federal pelo Rio de Janeiro por sete mandatos (1991-2018). Integrante do chamado baixo clero no Congresso, Bolsonaro começou a se credenciar como candidato à Presidência em meio à derrocada dos governos petistas e ao impeachment da ex-presidente Dilma Rousseff.

De *outsider* na política -- apesar de estar há bastante tempo na carreira pública -- a principal aposta, Bolsonaro se alinhou a discursos que estavam em voga no ano de 2015 como o fim da corrupção, a aposta na Operação Lava Jato (iniciada em 2014) -- iniciativa de combate à corrupção e à lavagem de dinheiro -- e, principalmente, ao sentimento de antipetismo, o que resultou em muita visibilidade e em sua eleição no ano de 2018.

O fenômeno nomeado de Bolsonarismo tem sido analisado por diversos cientistas sociais na tentativa de compreender como se deu a aderência ao discurso recheado de

⁴ Apenas dois Ministérios estão sob comando de mulheres: O Ministério da Agricultura com a ministra Tereza Cristina e o Ministério da Mulher da família e dos Direitos humanos com a ministra Damares Alves.

⁵ Levantamento identificou 6.157 militares da ativa e da reserva em cargos civis no governo Bolsonaro. Retirado do site G1. Disponível em: <<https://g1.globo.com/politica/noticia/2020/07/17/governo-bolsonaro-tem-6157-militares-em-cargos-civis-diz-tcu.ghml>>.

conservadorismo e autoritarismo atentando-se às práticas dos atores, bem como, ao seu efeito, tendo em vista que não temos o socorro de conceitos consolidados sobre o assunto.

Nesse sentido, a aliança de Jair Bolsonaro com setores ultraconservadores marcou um novo período no Brasil que pode ser analisado a partir das discussões sobre o populismo de direita que tem se estabelecido não só na realidade brasileira, mas em nível global.

Amparado em diversos aspectos, como o fascínio pela linguagem da violência que se evidencia no símbolo que Bolsonaro disseminou em sua campanha -- o de mãos erguidas fazendo alusão a uma arma de fogo --, suas narrativas potencializam a desconfiança nas instituições para dar segurança aos indivíduos. O apelo ao uso de armas se reflete na flexibilização das regras para sua aquisição (o que se pretendeu em diversos projetos) e no fato de que as pessoas estão comprando mais armas⁶. Os projetos autoritários potencializam os conflitos sociais ao defender o direito individual da população de se autotutelar principalmente por meio do porte de armas.

Além disso, ao estimular a desconfiança nas instituições, o Bolsonarismo confere centralidade à figura do atual presidente, na medida em que se cria um ideário segundo o qual, na impossibilidade de se confiar no Estado, restaria aos indivíduos recorrer ao chefe de governo como única resposta possível a toda disfunção social instaurada.

A linguagem de guerra constante seja no aspecto moral, econômico ou cultural promove o enfraquecimento da democracia e, no caso analisado aqui, percebemos que uma das tônicas do bolsonarismo repousa na tentativa de destruição do que já está instaurado e no ataque constante ao pensamento crítico, amparados na tentativa constante de criar assim sua própria ‘verdade’.

Outro aspecto que cabe ressaltar sobre a construção do bolsonarismo em curso é a utilização de estratégias negacionistas, anticientificistas, antifeministas, tendo como fio condutor a agnotologia⁷ – a ignorância como estratégia política --, mobilizando-se, assim, assuntos polêmicos para minimizar os impactos de uma agenda decisória e controversa aos interesses populares. Esses discursos ecoam em grande parcela de indivíduos que veem compartilhando o sentimento de desamparo político nos últimos anos e que, quase como por consequência, acabam se associando a atores políticos de extrema-direita que são muito ativos nas redes sociais. Obviamente, não se pode homogeneizar esses agentes por haver diversas

⁶ Ver: Aumenta venda de armas de fogo no país. In: **Agência Brasil**. Disponível em: <<https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2020-07/aumenta-venda-de-armas-de-fogo-no-pais>>.

⁷ O apagamento dos conflitos como estratégia política. Quem tem discutido tal conceito é o historiador norte-americano Robert N. Proctor. Ele analisa as políticas da produção da ignorância desde 2005.

vertentes e divergências no espectro político que se entende como direita, assim como no centro e na esquerda.

Porém, a agnotologia é pautada não apenas, mas, principalmente, em uma guerra midiática do ressentimento (LAZZARATO, 2019, p. 166) que consolida a política do *anti* na contemporaneidade, sob a justificativa de que as pautas calcadas em direitos humanos, de ‘minorias’, foram longe demais.

Nesse sentido, podemos afirmar, a partir das características cartografadas acima, que há muitas aproximações entre o bolsonarismo em vigência e traços de potenciais neofascistas em indivíduos que estão suscetíveis à ideologia autoritária. Cabe ressaltar que o extremismo político tende a ser uma marca das sociedades em crise e, como aponta Boris Fausto (2001), os regimes autoritários são caracterizados por um baixo investimento na vida social em todos os níveis apesar de se apresentarem como resposta à crise econômica e política.

Além disso, há restrições quanto às mobilizações populares, os partidos não são fortes nem bem organizados e não têm vínculos estruturais com o Estado (MELLO et. al., 2019), prevalecendo, na realidade, um questionamento incansável sobre a legitimidade do Estado. A relação com os partidos políticos também foi se modificando principalmente a partir das Jornadas de junho de 2013, quando o apartidarismo e o antipartidarismo se destacaram nas manifestações e debates no Brasil.

Nesse aspecto, é interessante ressaltar que, tanto as Jornadas de junho, como as manifestações de 2015 que contribuíram para o impeachment de Dilma Rousseff, foram compostos por uma grande parcela de jovens, e essa questão geracional possui complexidade, requer um fôlego teórico, principalmente no que tange à compreensão subjetiva dos atores sociais a respeito de suas ações e relações com instituições políticas. Tatagiba (2014), ao analisar os novos ciclos de protestos e a democracia, assinala a incapacidade não apenas dos governos, mas também dos partidos políticos de construir pontes com essa nova geração que foi às ruas em 2013 (Ibid., p. 56).

Em relação à questão geracional, Singer (2013) pontua que as Jornadas de junho foram, portanto, “um movimento formado por base majoritária de jovens, complementada por significativo contingente de jovens adultos (aproximadamente de 26 a 39 anos), com pequena inserção de adultos da meia-idade para cima. Somados, os dois blocos principais agregaram cerca de 80% dos que estavam na rua” (Ibid., p. 28).

Ao analisar, em *Os alemães* (1997), as tendências comportamentais dos jovens, Norbert Elias define as mudanças nos padrões europeus de comportamento no século XX e observa que tem uma relação direta com a sociedade, de modo que essas experiências acabam

tendo reflexos nas Universidades, segundo o autor: “[...] o desenvolvimento das universidades depende do desenvolvimento global da República Federal. Se as tendências autoritárias desta última forem fortalecidas, elas também serão mais fortes nas universidades” (Ibid. 49). Ou seja, se o autoritarismo estiver intenso nas relações sociais, esse tipo de tendência pode se tornar forte também no âmbito acadêmico, entre os jovens, influenciando nas produções de saberes e nas dinâmicas de socialização.

Nesse sentido, Messenberg (2015) alinha-se em um primeiro momento a Elias (op.cit.), quando este afirma que pessoas da geração mais jovem, muito conscientes do exemplo negativo da arregimentação pelo Estado, desejam “libertar totalmente a personalidade individual das coerções sociais” (Ibid., p. 49), organizando-se de forma espontânea e apartidariamente.

Atrelado a isso, nesse contexto, a ânsia por alguma figura que responda ao contexto de crise, supostamente oferecendo aos indivíduos ordem e segurança, abre caminhos para que o autoritarismo se instaure a partir da personificação em um indivíduo e não no Estado.

Em *Estudos sobre a personalidade autoritária* (1950), Adorno, juntamente com outros pesquisadores, procurou determinar o quanto o fascismo não era algo isolado, estando, isso sim, latente na população norte-americana da época, de modo a demonstrar como o autoritarismo tem relações estreitas com o capitalismo e sua forma de organização.

Se evidencia a defesa de ações violentas contra as minorias principalmente em contextos de crises sociais, o que se atrela diretamente com a discussão dos afetos. Quais emoções se revelam em momentos específicos de crise? Quais pulsões subjetivas estão envolvidas na identificação com ideologias autoritárias? Esses questionamentos são essenciais na tentativa de compreensão de como e porquê se estabelecem governos autoritários no decorrer da história.

A discussão dos afetos se entrelaça diretamente tanto com o bolsonarismo, como com o autoritarismo, pois, como afirma Safatle (2015, p. 20) ao analisar a teoria dos afetos, a política não é apenas o espaço no qual afeições são produzidas -- ele também é produto de afeições.

Nesse emaranhado que contempla a relação dos afetos e política, cabe salientar a centralidade do desamparo e o quanto ele se atrela ao autoritarismo, pois esse afeto é central para se pensar a política, e, nas palavras do filósofo, o desamparo pode ser força motriz para que se crie uma representação fantasmática da autoridade paterna, a partir da promessa de amparo.

Com isso, é interessante salientar que a forma como os indivíduos produzem crenças, desejos e interesses se dá principalmente a partir do circuito dos afetos (Ibid., p. 38), e isso proporciona adesão social, o que pode resultar no fortalecimento de ideologias autoritárias, por mobilizar afetos nos indivíduos.

O desamparo pode ser considerado como medo específico da vulnerabilidade e, nesse sentido, tal afeto pode auxiliar no processo de formação de identidades coletivas, impulsionando a força afetiva de identificação a um líder. O fascismo é um grande exemplo de como os afetos podem ser mobilizados, pois, como afirma Safatle (2015, p. 75), o fascismo permite um paradoxal gozo da desordem acompanhado da ilusão de segurança; ele se apresenta como resposta e impulsiona identidades coletivas.

No que tange o entrelaçamento entre Bolsonarismo e autoritarismo, cabe ressaltar que as bases do segundo repousam na exclusão social, no enfraquecimento dos laços de solidariedades e no estado de guerra constante contra pautas que visam direitos humanos. Nesse sentido, é interessante observar o quanto o Bolsonarismo se evidenciou colocando em cena na esfera política mulheres que estão em consonância com as narrativas autoritárias. Essa particularidade suscita diversos questionamentos, como: *[i]* qual tem sido o papel das mulheres nesse viés? *[ii]* como tem se traçado a trajetória de parlamentares eleitas na 56ª legislatura, que durante suas campanhas eleitorais se alinharam à figura e ao discurso de Jair Bolsonaro?

Para que seja possível vislumbrar brevemente a agência dessas mulheres e como suas trajetórias tem se calcado nesse giro à direita no Brasil, optamos por traçar a trajetória política da atual Deputada Federal, Joice Hasselmann (PSL/SP). Personagem que no período eleitoral se afirmou como uma das principais defensoras de Bolsonaro, que disseminou diversas falas se colocando contra a agenda feminista, protagonizando até um rompimento com o atual presidente.

Hasselmann incorpora diversos aspectos que nos permitem vislumbrar quais são as credenciais, dilemas, contradições das mulheres que compõem o escopo da nova direita na condição de parlamentares, uma vez que as eleições de 2018 foram marcadas por um aumento de 15% da representatividade feminina no parlamento brasileiro⁸.

Porém, tal aumento se deu por mulheres que compõem partidos de espectro ideológicos de direita e extrema-direita e muitas delas rejeitam declaradamente a agenda

⁸ Ver: Percentual de mulheres eleitas para a Câmara cresce de 10% para 15%. In: **Folha de São Paulo**. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/poder/2018/10/percentual-de-mulheres-eleitas-para-a-camara-cresce-de-10-para-15.shtml>>.

feminista, outras se colocam na arena pública como antifeministas e, no caso da deputada Joice, como a mesma disse, ‘feministas são vexaminosas e deselegantes’⁹, dentre outras afirmativas que corroboram com o imaginário ruim criado a respeito das mobilizações feministas ou das próprias ativistas.

Para tanto, analisaremos brevemente com tem se dado sua trajetória enquanto figura pública, como cresceu sua popularidade na condição de jornalista e, em seguida, política, bem como os embates travados dentro da própria nova direita.

3. Joice Cristina Hasselmann e sua trajetória na política

De acordo com Finamore e Carvalho (2006, p. 350), a propaganda eleitoral das/os candidatas/os políticos, atinge um público muito heterogêneo, e “[...] uma vez que é veiculada em toda a rede televisiva nacional, ela cria, entretanto, a impressão de ser direcionada a cada telespectador individualmente”. Nesse sentido, produz uma espécie de sentimento de intimidade em relação ao eleitorado. Ainda, para os autores, “a propaganda política também utiliza o tom emocional no discurso, buscando atingir os sujeitos em suas esperanças, ambições, desilusões, preconceitos e medos” (Idem). Aplicando essa estratégia discursiva, a Deputada Federal, Joice Hasselmann durante a disputa ao pleito da prefeitura de São Paulo em 2020, iniciou seu programa eleitoral apresentando-se para a população: “prazer, eu sou a Joice”¹⁰.

Afinal, por que a Deputada Federal mais votada em São Paulo, com 1.078.666 votos, precisou se apresentar para a população? É de se imaginar que sua figura pública é consolidada na maioria da população brasileira, uma vez que está sempre envolvida em diversas polêmicas. Todavia, façamos uma retomada estratégica em sua trajetória para compreender o porquê dessa “nova” apresentação de Joice, e dessa imagem que, enquanto candidata, tentou transmitir para seus/suas eleitores/as paulistas.

Na descrição de seu site oficial, sua biografia se resume em dizer que “lutou a vida toda contra a corrupção e junto com Sérgio Moro, sempre defendeu a Lava Jato. Que é contrária a qualquer tipo de privilégio de políticos. Que também é mãe, jornalista, escritora”¹¹. A se saber, seu sobrenome, Hasselmann, veio do seu primeiro matrimônio com o dentista,

⁹ Ver: Deputada do PSL diz que feministas são “vexaminosas”. In: **Hypeness**. <<https://www.hypeness.com.br/2018/11/deputada-do-psl-diz-que-feministas-sao-vexaminosas-e-deselegantes/>>.

¹⁰ Ver: **Joice Prefeita**. Disponível em: <<https://ww2.joiceprefeita17.com.br/>>.

¹¹ Se descreve como escritora em razão de dois livros publicados e são eles: 1. *Sérgio Moro: a história do homem por trás da operação que mudou o Brasil*, biografia lançada pela editora Universo dos Livros em 2016; 2. *Delatores: a ascensão e a queda dos investigados na Lava Jato*, lançado pela mesma editora no ano seguinte, em 2017.

Evaldo Artur Hasselmann Junior, com quem teve sua primeira filha. Seu nome de solteira é Bejuska. Posteriormente, casou-se com Marcio Oliveira e teve seu segundo filho e atualmente segue em sua terceira união estável, desde 2016, com o neurocirurgião Daniel França Mendes de Carvalho.

Nasceu em 1978 no interior paranaense em Ponta Grossa e sua família, que ainda vive na cidade natal, é tradicionalmente de classe trabalhadora, sendo sua mãe, Terezinha Miketen, confeitadeira e seu pai, Clemente Bejuska, caminhoneiro, portanto, não dispunha de capital econômico via familiar. Jornalista, Hasselmann iniciou sua formação profissional na Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG) e finalizou no Centro Universitário Santa Amélia (UniSecal).

Ainda na graduação, realizou estágios, e assim, em poucos anos, começou a carreira no campo midiático trabalhando em programas regionais de rádio e TV. Foi uma das âncoras da rádio CBN de Ponta Grossa, trabalhou na BandNews FM de Curitiba, na RIC TV e na Rede Massa (uma afiliada do SBT no Paraná). Em 2014 foi contratada pela Revista Veja e essa sua breve passagem - dispensada no ano seguinte - esteve marcada por diversos plágios, que de acordo com o sindicato da categoria, pode ser contabilizado em mais de 60 artigos copiados¹². Anos depois, em 2017, passou a trabalhar na Jovem Pan e após alguns meses foi demitida.

Vale lembrar, no entanto, que após a saída da Veja, Hasselmann começou a notabilizar-se com seu canal do YouTube, dedicando-se ao ativismo político, e em 2015 se tornou uma das protagonistas da campanha anticorrupção que foi um dos fios condutores da derrocada da presidenta Dilma Rousseff. Logo a jornalista e influenciadora digital ganhou popularidade ao militar (*on-line* e nas ruas) em manifestações a favor do impeachment, contra Luiz Inácio Lula da Silva e à favor a Operação Lava Jato. Não à toa em 2016 publicou a biografia do ex-Ministro da Justiça, Sérgio Moro, a quem mantém-se alinhada ainda hoje, vide descrição em seu site oficial.

Com a carreira meteórica de influenciadora digital em decorrência de seus pronunciamentos polêmicos e reacionários, concorreu a um cargo de Deputada Federal pelo PSL a convite de Jair Bolsonaro, usando o slogan #Bolsojoice. A candidata novata foi eleita em 2018 com mais de 1 milhão de votos, segundo o Supremo Tribunal Eleitoral, defendendo

¹² Ver: **Sindicato dos Jornalistas Profissionais do Paraná**. Disponível em: <<http://www.sindijorpr.org.br/noticias/6066/conselho-de-etica-comprova-plagio-praticado-pela-jornalista-joice-hasselmann>>.

bandeiras anticorrupção e do lavajatismo denominando-se, inclusive, em diversos momentos, de “madrinha da Lava Jato”¹³.

A “Bolsonaro de saias”, como era chamada por seu padrinho político, defendeu com afinco o voto impresso sob a justificativa que haver fraudes no voto eletrônico. Retomar as cédulas de papel, em sua perspectiva, deixaria o processo mais honesto e livre de quaisquer intervenções do Partido dos Trabalhadores (PT) ou da “esquerdalha” - forma como se refere a qualquer pessoa e/ou partido de oposição -. De forma geral, Joice afirmava que o exército brasileiro deveria acompanhar a apuração dos votos em todo Brasil “pois a chance de maracutaia é de uma para duas” - nas palavras da mesma [...] “aposente a urna eletrônica já!”¹⁴.

Em síntese, ao longo de 2018, em diversos momentos de sua campanha, a jornalista expressou descrença em relação à democracia e ao sistema eleitoral, criando e disseminando *fake news* sobre a confiabilidade das eleições e das urnas, identificando como resposta e solução à crise política, a figura de Bolsonaro e por consequência, a sua¹⁵.

Ao término das eleições, Hasselmann gravou um vídeo que circulou em suas redes sociais, afirmando que fazia parte de uma “nova” política e exaltou o fato de ter sido a mulher mais votada do pleito. Nas palavras da mesma, afirmou ser “uma mulher forte ao lado de Jair Messias Bolsonaro. Nunca na história uma mulher fez tantos votos como na Câmara. Quero agradecer porque cada voto que vocês deram para mim, você tiraram pilantras da antiga política, temos uma bancada super-renovada”.

No Congresso Nacional, foi a primeira mulher líder do governo, e ainda que tivesse ocupado posições de muita proximidade com a família Bolsonaro, no final de 2019, se envolveu em atritos com o Deputado Federal Eduardo Bolsonaro (PSL), filho do presidente. Esse confronto de poder, algo muito presente nas dinâmicas do campo político, fez com que após o rompimento com Bolsonaro, perdesse expressivamente apoio da ala considerada ideológica, e consequente capital político para concorrer às eleições municipais em 2020.

3.1. Feminismo *versus* feminilidade: Conversão de capital erótico em político

¹³ Ver: Fala Grossa e Salto Fino. In: **Revista Piauí**. Disponível em: <<https://piaui.folha.uol.com.br/materia/fala-grossa-e-salto-fino/>>.

¹⁴ Ver: **Página Oficial do facebook de Joice Hasselmann**. Disponível em: <<https://www.facebook.com/joicehasselmann/videos/2077124159026429/?v=2077124159026429>>.

¹⁵ Ver: **Intercept**. Disponível em: <<https://theintercept.com/2018/10/26/joyce-hasselmann-mentiras>>.

No início da campanha à prefeitura de São Paulo, Joice juntamente com sua equipe de marketing político, haviam mobilizado as figuras da Miss Pig e da Peppa Pig¹⁶ em sua campanha - apelido “Peppa” em referência ao desenho animado britânico que é protagonizado por uma porquinha cor de rosa. O apelido foi dado por Eduardo Bolsonaro, em ataque referente ao peso da Deputada e despertou diversas ofensas misóginas e gordofóbicas de seus apoiadores, denominados de *minions*, nas redes sociais contra a adversária.

Em entrevista recente realizada pela Universa da UOL em outubro de 2020, Hasselmann, em referência ao ocorrido deu a seguinte declaração:

Eu não percebia que estava sendo tão violentada. Dizia que nunca seria vítima de machismo, que era uma bobagem. Mas realmente existe uma violência de gênero política muito grande com a mulher. Então acabei mordendo a língua. Aprendi da pior forma. O que eu vivi foi um estupro moral¹⁷.

Meses depois, Hasselmann apareceu com -20kg, de acordo com a mesma e tem estimulado seu eleitorado, sobretudo seguidoras do instagram com a conta “Bem estar com Joice” à terem uma vida mais saudável, alimentação à base de caldos, gelatina diet e reeducação alimentar -- o que ela associa com magreza¹⁸. A Deputada ressalta sempre certa feminilidade, rechaçando posições feministas consideradas tradicionais mas de forma mais amena do que em 2017 e 2018, uma vez que seriam radicais demais para alguém que representaria o tradicional, o conservador, como ela.

Percebemos então uma aproximação ao feminismo liberal como a proposta eleitoral apresentada em seu programa como a criação do Banco da Mulher para incentivar o microempreendedorismo feminino. Ressalta, ainda na entrevista da UOL, que “[...] acho que é preciso recriar um movimento feminino que defenda as mulheres e os direitos das mulheres sem a bandeira ideológica”. Na leitura de Arruzza, Bhattacharya e Fraser (2019, p. 29), esse discurso feminista que defende o microcrédito como forma de “empoderar” mulheres do Sul Global, seria, nas palavras das autoras, algo desastroso uma vez que não promove nenhum tipo de transformação na estrutura do Estado.

¹⁶ Ver: Joice Hasselmann adota Miss Piggy e Peppa Pig. In: **Folha de SP**. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/colunas/painel/2020/10/joyce-hasselmann-adota-miss-piggy-e-peppa-pig-e-faz-a-anti-bullying-na-campanha-em-sp.shtml>>.

¹⁷ Ver: Joice Hasselmann sobre ataques ao romper com Bolsonaro. In: **Universa UOL**. Disponível em: <<https://www.uol.com.br/universa/noticias/redacao/2020/10/26/joyce-hasselmann-sobre-ataques-ao-romper-com-bolsonaro-foi-estupro-moral.htm>>.

¹⁸ Ver: Veja o que fez a deputada federal Joice Hasselmann para eliminar 20kg. In: **UOL Viva Bem**. Disponível: <https://www.uol.com.br/vivabem/noticias/redacao/2020/08/25/veja-o-que-fez-a-deputada-federal-joyce-hasselmann-para-eliminar-20kg.htm>

[...] nosso movimento deve se tornar um *feminismo para 99%*. Apenas dessa forma - pela associação com ativistas antirracistas, ambientalistas e pelos direitos trabalhistas e de imigrantes - o feminismo pode se mostrar à altura dos desafios atuais. Pela rejeição decidida do dogma de “fazer acontecer” e do feminismo para o 1% [...] (Idem).

Nesse sentido, de nada agregaria a uma emancipação das mulheres o discurso de 1% das feministas, as identificadas com o liberalismo. Assim, a retórica de Joice ainda que timidamente tenha se sensibilizado com pautas feministas, ecoa os discursos de conservadorismo e tradicionalismo de direita que ela defende. É interessante pontuarmos também que atualmente os movimentos feministas estão em destaque no debate público, e uma hipótese pode ser a de alinhamento de Hasselmann em proveito da ampliação de seu eleitorado.

Na leitura de Federici (2019, p. 31), a feminilidade, aspecto defendido e ressaltado na estética da Deputada, foi “construída como uma função-trabalho que oculta a produção da força de trabalho sob o disfarce de um destino biológico”. Sobre esse aspecto, cabe ressaltar que a governamentalidade neoliberal instala hábitos constitutivos da feminilidade normativa, cada vez mais, por meio da racionalidade econômica (OKSALA, 2016, p. 134). Com isso, a aparência feminina passou a ser vista como um instrumento crucial pelo qual as mulheres podem incrementar o capital humano, sendo manuseada pelo neoliberalismo para docializar e impor modelos normativos de feminilidade.

Nesse sentido, percebe-se que há ainda a manutenção da reprodução de relações de dominação e, ainda que vítima de violências simbólicas, Hasselmann reitera seu posicionamento no espectro da direita “raíz”.

De acordo com Catherine Hakim (2012), dentre os capitais mobilizados por Pierre Bourdieu, a dimensão erótica, corporal, estética e de dinamismo social, teria sido relegada pelo sociólogo. A autora defende a utilização da categoria de capital erótico para se pensar na ordem social, em um poder intrínseco e natural, que poderia ser usado em benefício ou não daqueles/as que o aprimorassem. Os homens também possuiriam capital erótico, no entanto, por possuir um *déficit sexual*, de nunca estarem plenamente safisfeitos, as mulheres teriam maior possibilidade de usar os seus capitais eróticos como um recurso. Credencial essa que pode se converter em outros tipos de capitais como político, social e econômico.

O capital erótico, nas palavras de Hakim (2012, p. 39), pode ser alcançado através de treinamento físico, trabalho árduo e técnicas de auxílio: dietas, academias e personal trainers; camas de bronzamento e sprays; cosméticos; perfumes; apliques e extensões capilares; alongamento de cílios e de unhas; micropigmentação em sobrancelhas; odontologia cosmética

[aparelhos e lentes dentais]; cirurgia plástica [botox, bichectomia, harmonização facial, próteses]; pintura e cortes de cabelo; cintas; joias; consultoria de moda, de comportamento e aulas de etiqueta.

Na contramão do argumento de Hakim (op.cit.), Moreño Pestaña (2016) explora que o investimento no capital erótico, poderia, muitas vezes, ser caro demais aos indivíduos no que tange à saúde. O filósofo observou em pesquisa para seu livro *La cara oscura del Capital Erótico* alguns casos de trabalhos que demandam alterações na morfologia corporal, e na maioria dos casos de pessoas acima do peso, lhes era reivindicado uma “modulação estética” da magreza como padrão de beleza em nome do ofício.

Esse requisito da beleza profissional também é um imperativo para as mulheres em cargos eletivos. O que implica em diversas violências simbólicas e materiais pelas quais seus corpos estão expostos, como foi o caso de Hasselmann após o rompimento com a família Bolsonaro, com a presidenta Dilma Rousseff durante o processo de impeachment e tantos outros exemplos de nosso cotidiano. De acordo com Silvia Federici (2019, p. 32), os movimentos feministas, historicamente “colocaram em evidência e denunciaram as estratégias e a violência por meio das quais os sistemas de exploração, centrados nos homens, tentaram disciplinar e apropriar-se do corpo feminino [...] para a implementação das técnicas de poder e das relações de poder”. Não é à toa, então, que todas as mulheres, independentes de seus posicionamentos no prisma político-ideológico, são alvos desse tipo de narrativa.

Por fim, nesse sentido, de acordo com Naomi Wolf (1992) em *O Mito da Beleza*, quanto mais as mulheres avançam em termos políticos e de sucesso em suas carreiras, mais barreiras lhe são impostas. Assim, o aumento de questionamentos em relação à aparência feminina serve como “amarras” para dificultar esse processo pois estarão sempre em busca de padrões inatingíveis, remodelando seus corpos com procedimentos cirúrgicos, remédios inibidores de apetite, e caindo no perigo de padecer de diversos transtornos em relação à própria imagem como a bulimia e anorexia. Tudo isso advém então de uma dual relação: o sistema capitalista e as estruturas sexistas. Esse casamento faz com que as indústrias de cosméticos tenham lucros exorbitantes, ao passo que as mulheres encontram-se também, mesmo com diversos esforços, aprisionadas em padrões que são considerados legítimos.

3.2. Tem jeito, tem Joice

Para completar a análise da performance política de Joice, vale pontuarmos que

concorreu à prefeitura de São Paulo em 2020¹⁹ e seu vice era o empresário Ivan Leão Sayeg, herdeiro da Casa Leão Joalheria. Seu lema, assim como nas eleições de 2018, ressaltou as bandeiras anticorrupção, o anticomunismo, Deus e “os bons” costumes, ou seja, a determinada moral. Seu destaque político de outrora, não foi o mesmo, uma vez que de acordo com os dados divulgados pelo TSE, obteve apenas 1,8% dos votos válidos na capital paulista nas eleições de 15 de novembro.

Podemos entender então que essa baixa expressividade se deu em razão de uma perda significativa de capital político que refletiu na baixa adesão de possíveis e/ou antigos eleitores²⁰. Hoje é uma das principais críticas de Bolsonaro, após o rompimento de suas alianças e ao mesmo tempo, reivindicou a posição de direita mas não contou também com o apoio do psdbista João Doria. Assim, descreveu-se como única candidatura “direita raiz”²¹ como forma de se distinguir de seus opositores, Celso Russomanno (Republicanos), Arthur do Val (Patriotas) e Bruno Covas (PSDB).

Apesar da mobilização de um capital erótico (HAKIM, 2012) que inclui um corpo dentro dos padrões culturais brasileiros considerado como esteticamente bonito, seja dinâmica, tenha uma boa oratória e, agora, com um discurso feminista liberal (ARUZZA et. al., 2020), essas novidades não se convergiram (ainda) em capital político suficiente para que a jornalista, influencer e Deputada conseguisse entrar como uma das mais votadas no pleito. O que representa então essa baixa adesão paulistana ao discurso de Joice Hasselmann? Talvez a resposta esteja em uma das primeira indagações que levantamos, na tentativa de distinção da candidata em relação aos demais, na mobilização ainda de um discurso anticorrupção, lavajatismo, mas que distanciasse da figura de Jair Bolsonaro - agora, *persona non grata* pela Deputada -. Houve a tentativa da (re)construção de uma nova Joice, que se apresenta novamente, repaginada sem seu padrinho político e com uma nova estética, para tentar se restabelecer entre as/os suas/eus.

Considerações finais

Na minha cabeça era tudo igual, homem e mulher. Mas entendi que quem tem os olhos de machismo enxerga homens e mulheres de

¹⁹ Ver: Joice Hasselmann: candidata do PSL a prefeitura de SP. In: **Carta Capital**. Disponível em: <<https://www.cartacapital.com.br/politica/eleicoes-2020-joyce-hasselmann-candidata-do-psl-a-prefeitura-de-sp/>>

²⁰ Pesquisa Datafolha presencial com 1.260 eleitores com 16 anos ou mais nos dias 3 e 4 de novembro de 2020 e registrada no TRE-SP com o número SP-06709/2020.

²¹ Ver: Joice se diz a única candidata de direita em São Paulo. In: **Carta Capital**. Disponível em: <<https://www.cartacapital.com.br/cartaexpressa/joyce-se-diz-a-unica-candidata-de-direita-em-sao-paulo/>>.

Flávia Biroli et.al. (2020, p. 140) compreendem como “autoritarismo moderno”, não necessariamente ignoraria “os processos eleitorais, além de prejudicar a oposição sem aniquilá-la e manter sua aprovação popular ao longo do tempo” (BIROLI, 2020, p. 140). Nesse sentido, houve uma construção de certo *ethos* feminino com características conservadoras, autoritárias ao longo desses processos de recrudescimento com a insurgência de novas agentes no campo político e que ressaltam sempre certa visão específica de mundo, resultado de uma identidade de feminilidade.

Como pontuado por Pinheiro-Machado, (2019), o reacionarismo emergente também pode ser entendido como, entre muitos outros fatores, uma reação à conquista discursiva de muitos movimentos, como o feminismo, as posições anti racistas e anti-fóbicas promovidas pelos grupos LGBTQIA+, não à toa, grupos que reivindicam, cada um a seu modo, a expansão do olhar restritivo aos “lugares” designados a homens e mulheres nas sociedades (INOCÊNCIO; GALETTI, 2020).

A conclusão obtida com o mapeamento das questões despertadas por Joice Hasselmann, demonstra que a eleição do governo de Bolsonaro em 2018, marcou uma maior visibilidade de certas mulheres específicas no campo do poder. Essas mulheres reconhecidas como de direitas também foram responsáveis por levantar discursos reacionários e de ataque a pautas progressistas dos governos anteriores como a questão identitária (LGBTQIA+, raça, gênero e sexualidade).

O que, de acordo com Nancy Fraser (2020), não pode ser interpretado apenas em uma chave de alienação mas também, desde uma perspectiva de classe, moralismo e na tentativa de manutenção da distinção na organização da vida social.

No caso de Joice, percebemos que nas dinâmicas de disputas de poder simbólico, o fato de ter se atrelado desde o começo de sua projeção política, em um momento de ruptura, a deixou sem aliados do bolsonarismo que lhe fornecessem capital político. Dominada entre a classe dominante da elite política, têm sido sistematicamente violentada como demais mulheres que se atrevem a acessar esferas majoritariamente masculinas.

Hasselmann pode ser interpretada como alguém que mobiliza determinados recursos e discursos que lhe convém em momentos específicos para estar sempre em posições de visibilidade, articulando redes de apoio. No caso da candidatura à prefeitura, não obteve sucesso essa sua estratégia mas como sua performance política está sem curso, nos vale manter atentos para observar como se darão os próximos episódios das disputas eleitorais para

demais análises. Porém, podemos afirmar que o flerte com o autoritarismo se evidencia, bem como, as mulheres nesse escopo tem se tornado ferramentas imprescindíveis para a disseminação de tais ideários.

Referências bibliográficas²²

ADORNO, Theodor W. **Estudos sobre a personalidade autoritária**. São Paulo, Editora Unesp, 2019.

ARRUZZA, Cinzia; BHATTACHARYA, Tithi; FRASER, Nancy. **Feminismo para os 99%: um manifesto**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2019.

BIROLI, Flávia; Corrêa, Sônia; Vaggione, Juan M. **Gênero, neonconservadorismo e democracia**. São Paulo, Editora Boitempo, 2020.

BROWN, Wendy. **Nas ruínas do neoliberalismo**. São Paulo: Editora Politéia, 2019.

ELIAS, Norbert. **Os alemães: A luta pelo poder e a evolução do habitus nos séculos XIX e XX**. Rio de Janeiro, Zahar, 1997.

FAUSTO, Boris. **História do Brasil**. São Paulo, Edusp, 2001.

FEDERICI, Silvia. **O Calibã e a Bruxa**. São Paulo, Editora Elefante, 2018.

FINAMORE, Claudia Maria; CARVALHO, João Eduardo Coin de. Mulheres candidatas: relações entre gênero, mídia e discurso. In: **Revista Estudos Feministas**, v. 14, n. 2, p. 347-362, 2006.

FRASER, Nancy; JAEGGI, Rahel. **O capitalismo em debate: Uma conversa na teoria crítica**. São Paulo: Editora Boitempo, 2020.

GOHN, Maria da Glória Marcondes. **Manifestações de protestos nas ruas no Brasil a partir de Junho de 2013: novíssimos sujeitos em cena**. Revista Diálogo Educ., v.16, n.47. na/Abril, 2016.

INOCÊNCIO, Adalberto F; GALETTI, Camila C. H. **Gênero e Neoliberalismo: Uma cartografia do lugar da mulher na política brasileira das novas direitas**. Revista Eletrônica Interações Simbólicas, FURG. v.4, nº3. 2020. *(no prelo)*.

HAKIM, Catherine. **Capital Erótico**. Tradução: Joana Faro. Rio de Janeiro: Editora Best Business, 2012

LAZZARATO, Maurizio. **Fascismo ou revolução?** São Paulo, N-1 edições, 2019.

MELLO DE MALTA, M., LEON, J., BARBOSA, L., CORRÊA, E., & LEVY, J. O pensamento autoritário no Brasil: origens e atualidade. In: **Revista Scientiarum Historia**, 2, 9. 2019. Disponível em: <<http://revistas.hcte.ufrj.br/index.php/RevistaSH/article/view/67>>.

MESSENBURG, Débora. O paradoxo da democracia: A participação política dos alunos da Universidade de Brasília. In: **Revista Civitas**, Porto Alegre, v. 15, n. 1, e1-e23, jan.-mar. 2015.

²² Todos os links deste artigo foram consultados a última vez no dia 16 de novembro de 2020.

MORENO PESTAÑA, José Luis. **La cara oscura del Capital Erótico**: Capitalización del cuerpo y trastornos alimentarios. Madrid: Ediciones Akal, 2016.

OKSALA, J. **Feminism and neoliberal governmentality**. Foucault Stud. 2013.

SINGER, André. Classes e ideologias cruzadas. In: **Revista Novos Estudos**. 2013. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/nec/n97/03.pdf>>.

PINHEIRO-MACHADO, Rosana. **Amanhã vai ser maior**: o que aconteceu com o Brasil e possíveis rotas de fuga para a crise atual. São Paulo: Planeta do Brasil, 2019.

TATAGIBA, Luciana. 1984, 1992 e 2013. Sobre ciclos de protestos e democracia no Brasil. In: **Revista Política e Sociedade**. Florianópolis Vol. 13 nº28. Set/Dez de 2014.

TRAVERSO, Enzo. **Las nuevas caras de la derecha**. Buenos Aires: Editora Siglo Veintiuno, 2018.

POSSENTI, Sírio. A misoginia como condicionante do golpe de 2016 no Brasil. In: **Discurso & Sociedad**, vol.12(3), 2018, pp. 581-593. Disponível em: <[ttp://www.dissoc.org/ediciones/v12n03/DS12\(3\)Possenti.pdf](http://www.dissoc.org/ediciones/v12n03/DS12(3)Possenti.pdf)>.

WOLF, Naomi. **O mito da beleza**. Rio de Janeiro: Rocco, 1992.